

ÚLTIMA VIAGEM AO PAÍS DO IMAGINÁRIO DA AMÉRICA FRANCESA

Jean Du Berger¹

Resumo: Este artigo nos propõe uma viagem pelo imaginário da América Francesa, vasto território espiritual e imaterial, e nos apresenta os contos, as lendas e os seres fantásticos que acompanharam sua chegada ao continente.

Palavras – chave: Contos, lendas, imaginário, América Francesa.

Résumé: Cet article nous propose un voyage à travers l’imaginaire de l’Amérique française, vaste territoire spirituel et immatériel et nous présente les contes, les légendes et les êtres fantastiques qui ont accompagnés les premiers arrivant sur le continent.

Mots-clés: Contes, légendes, imaginaire, Amérique française.

No dia 19 de novembro de 1764, meu ancestral, Jean-Baptiste Du Berger, atravessava o rio Detroit para assistir, na condição de testemunha, ao casamento de Charles Bernier e Marie-Louise Gaudet, celebrado pelo padre Potier, da paróquia da Assunção. No dia 07 de janeiro de 1765, no mesmo lugar, André Bénéteau também testemunhara um casamento: o de Charles-Dominique Janson e Marie-Anne Bineau. 237 anos mais tarde, a convite de Marcel Bénéteau, eis que caminho nos passos de meu ancestral, em Windsor, na ocasião do colóquio comemorativo do tricentenário da fundação de Detroit.

Nessa ocasião, mais uma vez, a última talvez, eu retomo a rota do imaginário da América francesa para rever os lugares de fala, saudar os contadores e as contadoras e assistir ao circuito dos heróis dos contos e das personagens das lendas. Retorno ao país de memória para tomar a palavra como se bebe da raiz.

¹ Jean Du Berger é professor aposentado de literatura quebequense e de etnologia da Universidade de Laval. Suas principais áreas de pesquisa são os contos e as lendas da América francesa, assim como as memórias urbanas e rurais. Suas publicações versaram sobre a história dos estudos do folclore no Canadá, a literatura oral e as memórias urbanas. Título original: *Dernier voyage au pays de l’imaginaire da América francesa*, publicado em *Le passage du Détroit, 300 ans de présence francophone*, dirigido por Marcel Bénéteau, University of Windsor, 2003, p. 193-216. Texto traduzido por Rosa Rockenbach.

Trilhar o país

No pano de fundo, um continente. Grande terra da América de neve e de gelo e do brotar da vegetação na primavera; do verão luminoso e do outono flamejante. Depois, há a caminhada dos homens sobre a Grande terra da América, esta lenta marcha dos homens e das mulheres vindos da Ásia, esta paciente caminhada pelos rios e lagos e afluentes. Conquista da grande terra pelos vales, montanhas, através de florestas profundas e de intermináveis pradarias até as terras secas do sul, e mais, sempre mais longe, até a Terra do Fogo. Pescadores, caçadores, negociantes de peles, agricultores, de oeste a leste, eles se fixaram, adaptando-se à terra abundante em peixes, caças e frutas.

Vamos nomeá-los. Na costa do Pacífico, Haïdas, Kootenays, Salish, Tsimshians, Wakashan, Tlinkits. De Rochosas ao rio Mackenzie, até a baía de Hudson, Athapascans e Chipewyans. E os *Cris das planícies* e os *Cris das florestas*. Do Atlântico aos Grandes Lagos, Micmacs, Abénaquis, Etchemins, Montagnais, Naskapis, Algonquins, Népissingues, Outaouais, Ojibways, Pieds-Noirs. E também Wendats, Ériés, Pétuns e Iroquois das Cinco Nações. Na ilha de Terra-Nova, Beothuk. Enfim, nos vastos espaços do norte, Inuit. E na sombra, circulamos personagens que vivem nas antigas narrativas: Wisakketkak ou Whiskey Jack, Carcajou, Tshakapesh, Gluskap, Mahtigwess e principalmente o grande Nenabojo.

Mais tarde, virão da Europa vikings, portugueses, espanhóis. E Giovanni Caboto e Gaspar Corte-Real e Giovanni da Verrazano... E pescadores bascos e bretões que pescavam no Grande Banco de Terra Nova. Depois, em 1534, Jacques Cartier e, em sua trilha, lentamente, aqueles e aquelas cujos nomes ainda encontramos em terra americana; garimpeiros e comerciantes de pele que sonhavam com ricos reinos de jade e seda.

De Tadoussac, da ilha de Sainte-Croix, de Port-Royal, de Quebec, depois de Montreal, eles retomaram as longas rotas dos rios das Primeiras Nações. Samuel de Champlain foi à baía Georgienne; Étienne Brûlé, em Sault Sainte-Marie; Jean Nicollet de Belle Borne ao lago Michigan; Médard Chouart Des Groseillers e Pierre-Esprit Radisson ao lago Superior e ao Alto Mississipi; o padre Claude Allouez ao lago

Nipigon. René-Robert Cavlier de La Salle atinge o Ohio e o Illinois; Louis Jolliet e o padre Jacques Marquette, ao Alto Mississipi; René-Robert Cavelier de La Salle, mais uma vez, à embocadura do Mississipi. Entre o lago Superior e o lago des Bois, Jacques de Noyon tomou o caminho do Grand Portage, Antoine Laumet, conhecido como Lamothe, senhor de Cadillac, estabeleceu o forte do Detroit e Jean-Baptiste Le Moyne de Bienville foi até a baía de la Mobile, depois a Nova-Orléans. Pierre Gaultier de Varennes da Vérendrye, passando pelo lago La Pluie e o lago des Bois, subiu o rio Vermelho e o Assiniboine, passando pelo lago Winnipegosis e pelo rio Saskatchewan.

Os viajantes subiram outros rios. Fort de Chartres, Fort Crèvecoeur e Vincennes na confluente do Wabash e do Ohio e Kaskaskia lembram a passagem deles. Graças a esses viajantes dos Pays d'en haut, Alexander Mackenzie chegou ao rio que leva seu nome, e Simon Fraser desceu outro rio que também leva seu nome. François Larocque foi ao país dos Mandanes e Gabriel Franchère, após ter contornado o cabo Horn, chegou à embocadura do rio Columba, de onde retorna a Montreal por via terrestre.

A fala viva

E todos esses passos e todas essas remadas definiram um espaço da terra da América. Ao longo dos rios percorridos pelas canoas dos *coureurs de bois*² e as rabaskas³ dos viajantes, nos fortes e postos de comércio, mais tarde na casa das velhas paróquias em vigília, assim como nas cabanas dos países de colonização, homens e mulheres cantaram; homens e mulheres contaram. Eles trouxeram da Normandia, da Bretanha, da Île-de-France e do Poitou contos e lendas e canções que eles retomaram do Forte Sainte-Anne em Arcadie ao Forte Vancouver, às margens do Pacífico, do Forte Sept-Île ao Grande Lago des Esclaves, de Lachine ao Grand-Portage. Em seu ato de contar e de cantar, emergia a fala contadora, jorrava a fala cantadora, efêmera performance que, no tempo do conto ou da canção, oferecia aos olhos e aos ouvidos obras por vezes antigas e novas, conservadas na memória dos portadores e portadoras da tradição. De boca a

² “Historicamente, a expressão *coureur des bois* foi utilizada durante o período colonial canadense para designar nômades, comerciantes de pele que viajaram em comunidades autóctones, no início da colonização francesa no Canadá, até as primeiras décadas do século XIX”. In: BERND, Zilá (org.) *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo Editorial / Editora da UFRGS, 2007, p. 154.

³ Grandes canoas, feitas de casca de tronco, utilizadas principalmente por ameríndios.

orelha, as comunidades falantes e cantantes assim transmitiram lentamente as obras de tradição oral, que se espalharam como águas subterrâneas, irrigando o imaginário tradicional.

Definir-se pela escritura

Esta tradição apareceu progressivamente na escrita. No ano do início dos "conflitos" no Bas-Canadá, em 1837, um rapaz (de 23 anos), Philippe-Ignace-François Aubert de Gaspé, publicou, na editora William Cowan, no Quebec, *L'influence d'un livre: roman historique*. Trata-se do primeiro romance do país que traz "lendas", tais como a do "Diable beau danseur". A tormenta política prosseguiu. 1838: nova insurreição, duramente reprimida. Doze patriotas foram executados; outros, exilados. John George Lambton, conhecido por Lord Duham, veio pesquisar sobre os "conflitos e, em seu relatório, lê-se: "Não se pode de forma alguma conceber nacionalidade mais desprovida de tudo aquilo que pode vivificar e elevar um povo do que os descendentes dos franceses no Bas-Canadá, pelo fato de terem mantido a língua e seus costumes "particulares". É um povo sem história e sem Literatura".

Em 1845, na *Histoire du Canada depuis sa découverte jusqu'à nos jours*, François-Xavier Garneau proferirá abertamente a história dessa "nacionalidade a mais desprovida de tudo". E uma geração de escritores dará forma a uma literatura que brotou dos contos e das lendas. Em Paris, no ano de 1853, James Huston publicou uma antologia, *Légendes canadiennes*; na sequência, coletâneas e romances se sucederam: *Légendes canadiennes*, do abade Henri-Raymond Casgrain e "Voyage autour de l'Île d'Orléans", do doutor Hubert La Rue, em 1861; *Les Anciens Canadiens*, de Philippe-Joseph Aubert de Gaspé, assim como "Forestiers et voyageurs; étude de moeurs", de Joseph-Charles Taché, em 1863. No final do século, Honoré Beaugrand lançou em Montreal La Chasse-galerie: légendes canadiennes. Essas obras transformavam as performances orais em objetos literários, eco do ato narrativo original, tradução, por assim dizer, da narrativa viva. O recurso à pesquisa de campo permitirá ouvir, de certa forma, os contadores e contadoras.

Os portadores da tradição: contadores e contadoras, cantores e cantoras

É com Alcée Fortier que uma das primeiras pesquisas de campo será desenvolvida em Vacherie, na Luisiana, ou seja, na América francesa. A publicação da coletânea *Louisiana Folk-Tales in French Dialect and English Translation*, em 1895, abria perspectivas relativas aos contadores e às contadoras. No Canadá, Marius Barbeau, antropólogo na Comissão de Geologia em Ottawa, encontrava, em abril, o abade Prosper Vincent, depois outros informantes de Wyandotte e de Seneca Reservation, em Oklahoma, de Seneca no Missouri, de Amherstburg em Ontário e de Lorette no Quebec. Barbeau reuniu os mitos e contos de grandes testemunhas da tradição oral dos Wendats, como Catherine Johnson e seu filho Allen, B.N.O. Walker, Star Hiram Young, Smith Nicols e Mary Mckee e, na subida, uma contadora influente, Kitty Greyeyes.

Em Nova Iorque, em janeiro de 1914, na ocasião do encontro anual da American Folklore Society, Franz Boas perguntou a Marius Barbeau:

“Existem, no Canadá, contos antigos, tais como os contos de fada de outrora?” Barbeau evocou os contos de Louis Fréchette e de certos escritores do século XIX e mencionou contos da família Sioui de Lorette: “La Princesse des Sept-Montagnes-Vertes”, “L’eau de la Fontaine de Paris”, “Le Corps-sans-âme”⁴, contos que lhe causaram uma “profunda impressão”, mas que ele não coletou “porque eram franceses demais e de uma aparência excessivamente literária”. Franz Boas incentivou o jovem pesquisador a se interessar por esse repertório para compreender a presença de temas europeus no “corpus” ameríndio.

Barbeau retomou a pesquisa junto a Prudent Sioui e sua esposa, seus primeiros contadores. Esse primeiro contato com a arte dos contadores lhe fez descobrir uma tradição viva, ameaçada de desaparecer, da qual era necessário fazer, indiscutivelmente, o inventário científico. O etnólogo iria alargar seu campo de pesquisa, descobrindo, assim, sua própria tradição. Já em Lorette lhe haviam dito: “Senhor, em nenhum outro além daqui você poderá encontrar contadores ou cantores como nas montanhas, do outro lado do Cabo Tourmente”. Tratava-se da região de Charlevoix, país dos serões animados não

4A princesa das sete montanhas verdes, A água da fonte de Paris, O corpo sem alma.

somente pelos moradores, mas também por esses “mendigos peregrinos” nos quais Barbeau reconheceu os últimos trovadores.

No município de Les Éboulements, a senhora Gédéon Bouchard, de 76 anos, possuía um repertório de 52 contos que aprendeu em Saint-Fabien: “Em nossa casa, eles se reuniam à noite. Aqueles que não sabiam nenhum conto cantavam e os que não sabiam cantar, contavam contos”. Eram reuniões de inverno. “Nós nos reuníamos com frequência”. Outros contadores de Charlevoix se fizeram ouvir. Havia Jean-François Bouchard, o velho Joseph Mailloux, Marcel Tremblay e principalmente Louis “L’Aveugle” Simard. Babeau descreveu-o da seguinte forma: “L’Aveugle, sempre espontâneo, desenvolto, misturava as réplicas e as graçolas em suas canções, acompanhadas habitualmente de seu violino, como os trovadores medievais; assim que lhe dirigiam a palavra, ele replicava: “Um buraco, uma cavilha!”, como ele mesmo dizia. Às vezes lhe faziam piadas um tanto licenciosas, e ele respondia no mesmo tom, pois também conhecia o sal de seus ancestrais”.

Vinte anos mais tarde, a descoberta do patrimônio dos contadores e contadoras continua com Luc Lacourcière e Félix-Antoine Savard no âmbito dos Arquivos de Folclore da Université Laval. Com a Irmã Marie-Ursule, cuja tese orientava, Luc Lacourcière encontrou em Sainte-Brigitte de Laval a senhora Édouard Sanschagrín. Depois, em Charlevoix, com Félix-Antoine Savard, outros contadores e contadoras vieram testemunhar com eloquência da vitalidade da tradição oral. Estavam todos presentes, respondendo ao chamado, muitas vezes “ao final da vida”. Em Clermont, Médéric Bouchard; em Saint-Irénée, Joseph “Palémon” Gauthier; em Saint-Siméon, Charles-Édouard Bouchard; em Port-au-Persil, Thomas Dallaire e em Les Éboulements, Pierre Pilote. Em Shippagan, Octave Chiasson e Uldéric Hébert. Em Saint-Raphaël de Bellechasse, Cléophas Fradette.

No coração de Ontário, na região de Sudbury, o padre Germain Lemieux descobriu a tradição narrativa de Maurice, George e Nelson Prud’homme e seu filho Joseph. Grandes contadores e contadoras ao redor do padre Lemieux: Gédéon e Philéas e Toussaint e Reina Savarie, Émile Roy, o “jongleur du billochét”⁵ em pessoa, Jean-Baptiste Lavoie e muitos

⁵ Literalmente: Trovador do banco. O billochét é um banco rústico feito com tronco de árvore, usado na campanha pelos contadores de histórias.

outros que, através do tempo e do espaço, entravam na roda dos contadores e contadoras, cantores e cantoras, artesãos e artesãs.

No país dos contos: os animais

Começamos a viagem tomando o caminho dos contos, estas narrativas fora do espaço-tempo, nas quais não se crê e que possuem uma função lúdica. Os contos revelam a astúcia da pequena Raposa, como no conto “Le conte du vol de nourriture par feinte mort”. Uma carroça carregada de peixe chega. Sempre faminta, a Raposa deita-se na estrada, fazendo-se de morta. O carroceiro para, recolhe-a e a joga sobre a carga de peixes. Discretamente, a Raposa deixa cair os peixes, um a um, pelo caminho, depois salta da carroça e come, come, come. Ao Urso, que também está faminto, a raposa se gaba de sua proeza. O Urso deita na estrada, mas a carroça passa por cima dele. Machucado, fraco, ele se queixa à Raposa, que lhe sugere mergulhar sua longa cola no buraco feito por pescadores no gelo de um lago. Ele só terá que se levantar rápido quando um peixe morder a cola, comê-lo e recomeçar, até que não tenha mais fome. O Urso se instala, espera pacientemente e pouco a pouco a água congela até que sua cola esteja solidamente presa ao gelo. Os pescadores, informados pela Raposa, aparecem para caçar o Urso, que acaba perdendo sua cola ao fugir.

E os contos precipitam-se no imaginário. Raposa ladra, Raposa enganadora e Urso logrado. No conto “Renard Parrain”, a Raposa diz ao Urso que ele deve se ausentar para ser padrinho. Às escondidas, a Raposa volta para comer a manteiga que havia armazenada na casa do Urso. Ao voltar do batizado, o Urso lhe pergunta o nome do afilhado; a raposa responde “Mivide” [Meiovazio]. Haverá dois outros batizados e os nomes extravagantes refletem o estado das provisões: “Bien commencé” [Começou bem], “À moitié” [Pela metade]... O Urso acaba descobrindo os furtos e eles brigam. Enquanto o Urso dorme, a Raposa lhe cobre de manteiga e prova ser ele, o Urso, o ladrão.

Em outro conto, aparece o Lobo. Jovens cabritos, deixados sozinhos em sua casa, recebem a ordem de não deixar o Lobo entrar. Por várias vezes, os pequenos reprimem seus ataques. Cobrindo-se de tinta ou enfarinhando suas patas, o Lobo convence-os de

que é a própria mãe deles que bate à porta, consegue entrar e os devora. No retorno da verdadeira mãe, abre-se o ventre do Lobo e dele saem os pequenos cabritos vivos.

No país dos contos: as maravilhas

Passemos ao país dos contos maravilhosos como o da “La Bête à sept têtes”⁶, que se passa nos tempos em que os dragões ainda aterrorizavam reinos distantes, exigindo a cada ano o sacrifício de uma jovem. Um rapaz, que partiu para se aventurar, chega à capital de um reino cuja maldição do sacrifício tinha recaído sobre a filha do Rei. O Rei havia prometido a mão de sua filha e metade de seu reinado para aquele que conseguisse matar o dragão. Relutante, o rapaz é obrigado a acompanhar a jovem vítima até a caverna do dragão. O combate inicia. Com a ajuda de seus cães, o rapaz sai vitorioso, mas o camarista do rei o faz beber “uma água sonífera” e o herói mergulha em uma espécie de torpor. O traidor aproveita para dirigir-se ao castelo com a princesa, ameaçando-a de morte caso revele a verdade. Ele anuncia ao Rei que matou o Monstro de Sete Cabeças e reclama a mão da Princesa assim como a metade do reino. O Rei, então, ordena que o casamento de sua filha e do camarista seja celebrado. Mas eis que, lá na caverna, o herói desperta e se vê sozinho. Partiram: a princesa e o camarista! As línguas do Monstro de Sete Cabeças, provas da vitória, haviam desaparecido. O tempo urge. Seu cavalo voa. No momento em que a princesa, de braços com seu pai, caminhava em direção ao altar da capela real, o herói chega de surpresa com seus cães, que avançam no camarista. Apavorado, o traidor rapidamente confessa e é preso. O herói casará com a princesa. Mas suas aventuras estão apenas começando. E seria longo demais prosseguir aqui com essa estória.

Pois Juan do Urso avança. Concebido após o rapto de sua mãe por um urso, o rapaz é muito forte. Ele esmaga em suas mãos grossas tudo o que pega e massacra todo aquele que ouse brigar com ele. Com todo o ferro da forja, ele fabrica uma bengala e pega a estrada com camaradas “dotados” de uma visão apurada, de uma audição prodigiosa ou de pernas rápidas. Os viajantes se instalam em uma casa no meio de uma

⁶“O Bicho de Sete Cabeças”

floresta e montam guarda, revezando-se entre si. Um monstro sai da terra e os rapta, um após o outro. No terceiro dia, Juan do Urso se lança na perseguição do monstro, desce na terra pela extensão de um cabo e, com fortes golpes de sua bengala de ferro, mata o monstro. Ele descobre, então, três princesas que a fera havia raptado e encontra seus camaradas. Todos voltam à superfície, mas quando chega a vez de Juan do Urso, seus camaradas retiram o cabo e o abandonam. O herói será salvo por uma águia que o carrega no dorso. Aqui, a história também continua. Os camaradas vão desposar as princesas? O que fará Juan do Urso? Devo prosseguir o caminho.

No conto “A fuga mágica”, de fato, as desgraças vão recair sobre o Belo Príncipe, o jovem herói. Por duas vezes ele ganha no jogo de dados do Boné Vermelho, o Diabo em pessoa, e exige que ele erga o castelo de seu pai com correntes de ouro, tão logo tenha encilhado seus cavalos com ouro e prata. Quando Boné Vermelho ganha a terceira partida, ordena ao Belo Príncipe o seguinte: “eu quero que tu venhas me encontrar a setecentas léguas no outro lado do sol, em um ano e um dia”. E o herói deve pegar a estrada. Um dia, às margens de um lago, ele percebe três moças que se banham. Então, esconde a jarreteira verde da mais bela, que evidentemente é a filha do tal Boné Vermelho, o qual espera Belo Príncipe a sete léguas do outro lado do sol. A filha do Diabo lhe comunica que ele deverá cumprir três tarefas, à primeira vista, impossíveis, mas que ela o ajudará. Belo Príncipe esvaziará, então, a água de um rio, construirá uma ponte sobre o rio seco e uma granja recoberta de plumas “de todos os pássaros do universo”. Cumpridas as tarefas, ele foge com aquela que ama após ter enganado a vigilância do Boné Vermelho, graças a um autômato, mas o Diabo os persegue. Ao perceber seu terrível pai, a jovem deixa cair uma escova de aço, que se transforma em uma “grande montanha de pinheiros”, a qual força Boné Vermelho a voltar atrás. Segunda perseguição de Boné Vermelho. Sua filha lança uma barra de sabão, que se transforma em uma grande montanha de aço: “com alfinetes e machados e todo esse tipo de coisa”. Na terceira vez, é a mulher do Diabo que parte, carregando um pequeno saco de trigo. Desta vez é uma garrafa d’água que salva o Belo Príncipe e sua Bela JarreteiraVerde a água espalhada na terra cria um lago e os dois jovens, transformados em patos, nadam em mar aberto. A mulher do Diabo lança grãos de trigo na direção dos dois e a pata, às bicadas, afasta o pato da margem. Aqui termina a perseguição, mas o casal precisa se separar por um certo tempo, mas não sem que a jovem tenha prevenido o Belo Príncipe de não beijar ninguém até se reencontrarem. A tia do jovem rapaz o

beija enquanto ele dorme e ele acaba sofrendo de amnésia. Tendo esquecido tudo, corteja outra moça e a pede em casamento. No dia do casamento, uma senhora aparece para apresentar um espetáculo no qual um pequeno galo e uma galinha “falantes” interpretam a história do Belo Príncipe e da Bela Jarreteira Verde, cujas peripécias fazem, pouco a pouco, emergir as lembranças do herói. A filha do Diabo é reconhecida e os apaixonados poderão finalmente se casar.

E há também o conto do “Pequeno Polegar” e das crianças abandonadas na floresta por seus pais e que encontram seu caminho graças a retalhos de roupa ou pequenas pedras; a terceira vez, eles não conseguem encontrar o caminho, pois os pássaros haviam comido as migalhas de pão deixadas por eles pelo chão. Eles se refugiam na casa de um Ogro! Todos conhecem a continuação da história. O Ogro sente o cheiro de carne fresca e descobre as crianças. O Pequeno Polegar troca os bonés à noite; o Ogro mata seus próprios filhos. E o Pequeno Polegar, que ouve tudo, vê tudo e salva pra sempre seus irmãos.

Depois, vamos ouvir o conto do “Homem em busca de sua esposa desaparecida”. Tit-Jean⁷ liberta uma princesa raptada por uma fada terrível. Feliz por encontrar sua filha, o Rei decide, contudo, que o casamento só será realizado em um ano e um dia. Companhias duvidosas. A cada encontro dos jovens, o herói é entorpecido por soníferos que uma criada, sob ordens do Rei, o faz tomar. Após o sexto encontro, a Princesa entrega a Tit-Jean um lenço “no qual seu nome está bordado em ouro” e uma caixa de rapé; em seguida, parte em viagem. O Rei espera que assim encontrará “belos príncipes” e que esquecerá Tit-Jean. Ao acordar, o herói lamenta ver se afastar aquela que ele ama, na forma de uma “nuvem branca”. Uma fada o aconselha a pedir ajuda a suas irmãs e ele parte em busca da Princesa. Longa busca, junto das fadas-irmãs, que termina junto da “mestre de todos os pássaros”, quando uma velha águia lhe informa que a Princesa está “nas Sete Montanhas Verdes”. A águia aceita transportá-lo em seu dorso. O tempo urge, pois a Princesa está prestes a se casar com um príncipe. Na sexta montanha, a águia está exausta; como não lhe resta mais carne para se alimentar durante o voo, Tit-Jean “pega sua faca, tira um pedaço de sua carne da coxa esquerda e dá ao pássaro”. Eles chegam enfim ao castelo, onde Tit-Jean oferece seus serviços de cozinheiro. O lenço bordado em ouro e a caixa de rapé identificam-no, mas os

⁷Juanzinho

apaixonados se separam curiosamente “sem reconhecerem um ao outro”. Vestido com “uma roupa de príncipe”, Tit-Jean ocupa o lugar à direita da Princesa, o que contraria o Príncipe, seu noivo. Antes da cerimônia do casamento, a Princesa toma a palavra: “Eis que há um ano e um dia, eu tinha uma velha chave. Essa chave me foi muito útil e eu não precisava de outras chaves pra todas as minhas fechaduras. Mas eu a perdi e estou indecisa em comprar uma nova, da qual desconfio. Fé de príncipe, de princesa e de vocês que estão aqui na minha mesa. Que devo fazer? Acabo de encontrar minha velha chave”. Os convidados do casamento aconselham a Princesa a não se casar com o Príncipe, mas a voltar aos seus antigos amores, esse Tit-Jean que havia passado por tantos “obstáculos” antes de encontrá-la.

E você poderá ver passar no país dos contos “Juan de Calais e o morto agradecido”, “Cinderela”, “Pele de Asno”, “Os Camaradas dotados” ou “A Grande Margaude e seus companheiros”, pintura grandiosa na qual vemos ser construído um barco encantado onde se movem os companheiros extraordinários: um homem forte; um grande “ouvinte”, Escuta-Claro; um grande atirador; um grande corredor; um comilão; um beberrão; um grande assoprador e, principalmente, o adversário, a Grande Margaude. No tesouro da tradição, encontraremos também “O Gato de Botas”, “Os filhos em busca de remédio para seu pai”, “A menina de mãos cortadas”, “Bénédicté”, “Grisélidis”, “Os três conselhos”, “O retorno do filho caçula”, “O Rei Ramsinit” ou “O Grande Ladrão de Paris”.

No país dos contos: o riso

No repertório dos contos cômicos, acotovelam-se os tolos e os espertos, as vítimas e os que sabem se safar ou os espertos, os maridos bobos e suas esposas espertas. Há este Jacques Pataud encontrado em Old mines no Missouri, por Joseph-Médard Carrière, em um conto de humor arcaico cujo título é: “Uma marmitta de três patas deve caminhar”. Jacques Pataud vai buscar uma marmitta na casa de um vizinho. Ele a carrega e a examina: “Ah! Tu és bem melhor do que eu, tu tens três patas, eu só tenho duas. Tu vais pegar aquele caminho e vais caminhar. Na primeira casa em que chegares, entra e diz a minha mãe que tu és a marmitta que eu fui pedir emprestado”. Em outro conto, Jacques Pataud

vai ao mercado vender manteiga. Na estrada, "Ele chegou num lugar. Ele olha a terra; ela estava bem rachada". Tu não precisas abrir tua boca para mim, não tenho nada para te dar a não ser manteiga. Se tu não fechares tua boca, eu vou enchê-la de manteiga". Ele pegou sua manteiga e a colocou toda na terra com uma pequena colher".

Por sua vez, Alcée Fortier encontrou em Luisiana as aventuras de "Bouki pis Lapin"⁸, como no conto "O castigo do Compadre Coelho". O Coelho é condenado à morte e o rei lhe autoriza a escolher seu castigo: ser afogado, queimado, enforcado ou decapitado. Compadre Coelho aceita todos esses suplícios com entusiasmo pois, diz ao rei que o que ele mais temia era ser jogado em um tufo de espinheiro. O rei logo o condena a tal suplício, e o Coelho foge.

O conto "A água da fonte de Paris" lembra os velhos *fabliaux*⁹. Uma mulher audaciosa envia seu bom marido a Paris, a fim de procurar uma água que possa "curar a dor de dentes". Assim que o marido partiu, chega o príncipe e "é preparado um belo jantar". Mas, já na estrada, o marido encontra um comerciante, que o traz de volta para casa, em seu cesto. Convidado à mesa, o velho comerciante insiste em trazer com ele seu cesto. No decorrer da refeição, os convivas são convidados a cantar: em seu refrão, o príncipe faz alusão a "uma jovem mulher abandonada"; a mulher fala do seu marido, que está em Paris e "não está pronto para voltar". Por sua vez, o comerciante conta que carregou um viajante em seu cesto. Enfim, do cesto, o marido canta ao príncipe: "Tu sairás da minha casa a pauladas, Kyrie Eleison! Tu sairás da minha casa a pauladas, Kyrie Eleison!"

O *fabliau* "O rico e o pobre camponês" descreve a luta "épica" na qual se confrontam Pois-Verts¹⁰ e seu pároco. Pois-Verts é o Homem-das-mil-astúcias, que triunfa sobre seu adversário cuja única vantagem é a posição social. Ele vende ao padre um chicote mágico com o qual ele ferve um líquido. Quando o padre tenta imitá-lo, nada acontece e este jura que não se deixará mais enganar. Mas pouco importa! Diante do pároco, Pois-Verts "mata sua velha mãe", que simula evidentemente a morte, e depois se levanta ao som de um apito mágico; o padre apressa-se em comprá-lo. Ele briga com sua empregada e a mata como Pois-Verts "matou", diante dele, a própria mãe. Mas, ao som do apito, a empregada não volta à vida e o padre "obtem um julgamento" contra Pois-Verts,

⁸ Bouki e coelho.

⁹ Contos em versos muito usados antigamente na França.

¹⁰ Ervilhas-verdes.

que é condenado a ser jogado no mar dentro de um saco! No caminho, Pois-Verts faz um pobre mendigo acreditar que o carregam nesse saco para a cama da princesa, com quem ele não quer se casar. O pobre toma o lugar de Pois-Verts e é jogado ao mar. No dia seguinte, o pároco, estupefato, vê chegar Pois-Verts, conduzindo um grande rebanho de vacas. Pois-Verts explica ao padre que ele caiu no meio do rebanho quando os carrascos o jogaram ao mar; ele acrescenta que até viu mais ao longe magníficos cavalos negros. O padre pede imediatamente para ser jogado em um saco para estar à noite no meio do rebanho. O contador Prudent Sioui conclui: "O senhor padre vai se juntar ao pobre no fundo do mar, onde ficou. Com todas essas artimanhas, Pois-Verts torna-se um grande comerciante". Em 1940, Joseph-Médard Carrière coletou uma versão desse conto em Tecumseh, bem perto de Windsor; cinquenta anos mais tarde, a senhora Stella Meloche o contou a Marcel Bénéteau. Nas margens do rio Detroit, Pois-Verts chama-se Corne-en-cul¹¹.

Na versão do contador Paul Patry de Saint-Victor de Beauce, "Le brave petit tailleur"¹² tornou-se Martineau-Pain-Sec, "um preguiçoso" expulso da casa pelo pai. Enquanto ele come uma "tambane", mistura de pão, leite e açúcar, é importunado por uma nuvem de moscas. Após ter bem ou mal terminado sua refeição, espalha açúcar na mesa e, assim que os bichinhos avançam no alimento, ele "mata mil com um golpe só e quinhentos de reverso!" Orgulhoso de sua proeza, ele pediu para pintar um letreiro no qual se pode ler: "Martineau matou mil com um só golpe". O rei passa e, vendo o letreiro, contrata Martineau para "fazer faxina" na floresta real. Nosso herói fará com que três gigantes terríveis se matem um ao outro, capturará um unicórnio e derrotará os inimigos do rei, deixando-se arrastar por seu cavalo no meio dos soldados que golpeia com uma cruz de madeira arrancada no caminho. Seu feito pôs fim à guerra e "depois disso Martineau-Pain-Sec ficou na casa do rei, onde ele sempre viveu bem".

¹¹Chifre-no-cu.

¹²O valente pequeno alfaiate.

No país das lendas: as ajudas sobrenaturais

Mas há um outro lado do imaginário de nossos contadores e contadoras: o das lendas. Narrativas que se inscrevem no espaço e no tempo e que são objeto de uma crença mais ou menos forte.

As lendas celebram, em primeiro lugar, as intervenções milagrosas dos seres sobrenaturais: o próprio Deus, os santos protetores como Santa Ana ou a Virgem Maria, os anjos ou os mortos protetores dos que lhes imploram ajuda. Os doentes são, então, curados; os incêndios, interrompidos; os viajantes em perigo chegam ao destino; o Diabo é expulso; as crianças perdidas, encontradas; os tesouros, descobertos e o futuro, revelado.

A figura da Dama de branco é ambígua. Trata-se, às vezes, da boa Santa Ana e, outras, da Virgem Maria. Nos arredores da cascata de Montmorency, perto do Quebec, a Dama de branco será a sombra inconsolável de uma jovem que perdeu seu noivo na batalha das planícies de Abraham e que se jogou no rio. Em outros casos, a Dama de branco é uma feiticeira ameríndia que afogava os viajantes no rio. No caso da família Cadieux, o viajante dos Pays d'en Haut,¹³ é Santa Ana, que guia a canoa na qual a família fugia enquanto que ele atirava contra os índios. Em forma da Dama de branco, a Virgem Maria ajudou a encontrar muitas crianças perdidas na floresta. Mulheres prestativas que protegem ou mulheres ameaçadoras que conduzem os viajantes ao fracasso ou ao desastre, as damas de branco são assim, como as fadas protetoras ou hostis.

Os mortos também vêm em socorro dos homens ou das mulheres. Na realidade, esses mortos que ajudam são frequentemente designados como Almas do Purgatório. Falava-se até de "nossas pequenas almas". Trata-se das almas dos defuntos libertas dos suplícios do Purgatório pelas rezas, pelos sacrifícios e pelas oferendas dos sobreviventes. As almas libertas são evidentemente gratas e, do Céu, onde elas se encontram, ajudam, em troca, aqueles e aquelas que as ajudaram. Nessa perspectiva, o mundo dos desaparecidos não é mais um abismo sombrio de onde não se retorna mais, mas uma espécie de prolongamento do espaço doméstico onde os parentes mortos continuam a cuidar dos seus, multiplicando os gestos de ajuda.

¹³ Les pays d'en Haut estão situados na região das montanhas [Laurentides](#) na província [canadense](#) do [Quebec](#).

No país das lendas: os fantasmas

Mas outras manifestações dos mortos são menos reconfortantes. Os fantasmas assustam: suas lamentações, seus queixumes, seus uivos, seus gemidos, seus choros, seus gritos, seus sussurros aterrorizam. Às vezes até mesmo suas intrusões se manifestam pelo tato e toques na noite: seus hálitos gelam o sangue. Por que, então, eles retornam? Eles procuram o descanso que não encontram pois não podem mais ter os gestos eficazes e suas palavras não surtem mais efeito. Somente a intercessão dos vivos pode colocar fim à vagueação deles. O tema dos "fantasmas suplicantes" explica-se, assim, pelo fato de que os mortos precisam das rezas dos vivos.

Conta-se, por exemplo, que o presbítero da paróquia de Gentilly foi assombrado por um desaparecido desesperado. Um ser invisível chegou em torno das onze horas, bateu à porta do presbítero, que se abriu sozinha, e os testemunhos ouviram alguém subir a escada e entrar em um quarto. Ouviu-se um "barulho terrível". O padre subiu e voltou "pálido como um espectro". Ouviu-se, então, "barulhos de correntes e gemidos". Essas visitas continuam durante uma semana, e o padre foi consultar seu bispo. Ao retornar, assim que os barulhos recomeçaram, vestido com uma estola e uma sobrepeliz, subiu ao quarto. Ouviu-se um barulho de luta. E Louis Fréchette termina sua narrativa conforme segue: "O barulho infernal cessou de repente, e o corajoso padre reapareceu lívido... Ele envelheceu dez anos". Posteriormente, todos as primeiras sextas-feiras do mês, até sua morte, o padre celebrou a missa de Réquiem para alguém que ele nunca quis nomear.

A lenda de Pierre Soulard, que se aventurou pelo rio gelado, entre Quebec e Lévis, sob mau tempo, é também conhecida com o título de "Tête à Pitre". ¹⁴O canoieiro, que tinha a reputação de blasfemar todo o tempo, quis atravessar o rio apesar do mau tempo. Ele deslizou, empurrando sua embarcação no gelo e caiu nas águas do rio; imediatamente, "um pedaço de gelo afiado como uma lâmina tocou-lhe o pescoço, cortando-lhe a cabeça". A mesma cabeça ainda faz aparições acima do rio, entre Quebec e Lévis, em tempos de névoa ou de neve.

¹⁴ A cabeça de Pitre.

As lendas lembram também a história das "Almas penadas", de Saint-Michel. Em 1º de outubro de 1775, um fiel da paróquia de Saint-Michel-de-la-Durantaye interrompera um sermão de um padre Lefranc, jesuíta, que "ensinava a obediência aos poderes temporais". Ele exclamara: "Basta de pregar, por tanto tempo, aos ingleses!" O bispo do Quebec, Monsenhor Brillant, excomungara aqueles que eram solidários ao protesto do fiel. Cinco fiéis recusaram-se a se retratar e a fazer "retratação pública" após a proibição. Marguerite Racine (morta em 1784), Laurent Racine (morto em 1784), Félicité Doré (morta em 1784), Pierre Cadrain (morto em 1786), e Jean-Baptiste Racine (morto em 1788), pai de Laurent, foram inumados "em terra não abençoada", em uma terra que pertencia a um Cadrain. E vemos suas sombras vagar acima de suas sepulturas, sobre as quais cresceram cinco grandes pinheiros.

Os defuntos tinham também que expiar, no outro mundo, os pecados cometidos na terra. Joséphine Lalande voltava de um sarau com amigos quando percebeu "no patamar da grande porta da igreja um homem usando um sobrepeliz e um barrete: este homem tinha a cabeça inclinada e os braços estendidos na direção deles". Pensando que se tratava do filho do sacristão que queria amedrontá-los, ela pegou o barrete e voltou para a sua casa. Pôs o barrete em um pequeno baú e, ao ir dormir, viu à sua janela "o mesmo indivíduo que ela vira nos degraus da igreja" e que repetia: "Devolva meu barrete!" Durante esse tempo, "ela ouvia bater dentro do pequeno baú como se um animalzinho prisioneiro quisesse sair". Na noite seguinte, "ela viu o mesmo fantasma que vira na véspera e que, suspenso nos ares e com a mesma atitude, gritava-lhe: 'Devolva meu barrete!'" Ela deu um grito e "desmaiou". O padre visitou Joséphine e depois consultou o Petit Albert¹⁵. O diabo lhe apareceu. O padre "o censurou amargamente pelo que acontecera à pobre moça", mas o diabo defendeu-se, disse não ser a causa de tais fenômenos e desapareceu. O padre "teve uma visão durante seu sono" e acordou-se, tendo "encontrado a solução de seu problema". Ele explicou à moça que o gesto dela tinha interrompido "uma grande penitência" de uma alma do purgatório e que era preciso recolocar o barrete na cabeça do fantasma. A moça caiu numa espécie de languidez e foi seu noivo quem devolveu o barrete ao fantasma. Este lhe revelou, então, a razão de sua penitência. Vestido com um sobrepeliz, ele havia há tempos improvisado uma lição de catecismo em púlpito, diante das crianças, e suas "piadas" fizeram-nas

¹⁵ Le *Petit Albert* é um grimório de magia talvez inspirado pelos escritos de Saint-Albert le Grand. É impresso na França pela primeira vez em 1668, depois reeditado continuamente.

"dar gargalhadas". Uma semana mais tarde, ele se afogava e foi “condenado ao purgatório, durante trinta anos e nos mesmos lugares” da profanação. Terminada sua penitência, o fantasma recomendou ao noivo uma erva com a qual ele faria uma infusão para curar sua noiva.

Joseph-Charles Taché redigiu, em alexandrinos desajeitados, uma lenda que ele situa na *Montagne à Bonhomme*, perto de Quebec. Uma noite, lenhadores ouviram “sons lamuriosos” e, em seguida, uma voz que gritava: “Onde a colocarei?” Um colono chamado Perrin foi ao encontro da alma penada, mas só pôde responder: “Meu Deus! Eu não sei de nada!” Numa segunda tentativa de ajudar o fantasma, sua resposta foi um pouco mais precisa: “entregue-a ao seu dono”. A alma não ficou, no entanto, aliviada. Um ancião, o seu Ambroise, “lembrando-se de um determinado grande processo agora esquecido”, aconselhou o pobre Perrin a responder: “Onde tu a pegaste!” No dia seguinte, à questão “Onde, então, onde eu a colocarei?”, ele respondeu “com um timbre seguro”: “Onde tu a pegaste!” Na manhã do dia seguinte, a cerca entre a terra de Perrin e a de Jean Goulet foi deslocada vinte pés, e um marco foi colocado “na linha”. O marco fora deslocado há muito tempo, e o culpado, condenado a vagar. Perrin o havia libertado de sua pena.

Em Sault-au-Récollet, na ilha de Montreal, um missionário Récollet, o padre Nicolas Viel, e seu novato, Ahuntsic, se afogaram depois da manobra de um índio “que se opunha à pregação do Evangelho na sua nação”. Mais tarde, viajantes que desciam a Rivière-des Prairies fizeram uma parada para passar a noite e perceberam um fogo um pouco mais longe. Eles acreditaram tratar-se de outros viajantes, e três homens dirigiram-se à beira do rio. Eles encontraram lá “um selvagem de tanga, sentado no chão, os cotovelos sobre as coxas e a cabeça entre as mãos”. Imóvel e mudo, ele estava todo molhado. Aproximando-se ainda mais, eles se deram conta de que a água que pingava de seu corpo “não molhava a areia e não fazia vapor”. Além disso, o fogo não produzia calor. Eles partiram, levando um tição do fogo. Um enorme gato preto apareceu num barulho de canoa voadora¹⁶ e atacou a canoa dos viajantes. Eles jogaram o tição no gato; ele o pegou

¹⁶No Quebec, o diabo guia as “canoas voadoras”. Em numerosas narrações de “chasse-galerie”, lenhadores, saudosistas, prisioneiros das florestas congeladas podiam, após um pacto com o diabo, voar em uma canoa e atravessar distâncias incríveis para ir dançar e festejar. Eles deviam, entretanto, observar certas regras e fazer a promessa de entregar as suas almas se dentro de seis horas eles pronunciassem o nome de Deus e se tocassem em uma cruz durante a viagem. A “chasse-galerie” significa, antes de tudo, os fenômenos sonoros percebidos nos ares ou na terra. Frequentemente ela é ligada à visão de objetos ou de seres que se deslocam no ar. A origem dessa lenda remonta à Idade Média, quando um impenitente,

e desapareceu. Taché concluiu: “Este selvagem é o ‘afogador’ do Padre Récollet. Supõe-se que o diabo tenha se apoderado do assassino no momento em que ele se secava, depois de ter arrastado para a água o pobre missionário, e que ele e seu fogo foram transformados em lobisomens”.

Um comerciante de Quebec, Augustin Fraser, tinha vendido roupas a crédito a um viajante, Martial Dubé, para que ele pudesse trocar por peles nos Pays d’en haut. Dubé declarou: “...morto ou vivo, eu lhe pagarei o que você vai me adiantar!” Antes de deixar Fraser, ele repetiu: “...não tema nada; mesmo que eu esteja no fundo do purgatório, eu virei lhe pagar”. Uma noite, dando a última volta em sua loja, Fraser viu, sentado num fardo de mercadoria, Martial Dubé, que assim lhe falou: “A vida é um sonho, capitão e, enquanto eu lhe falo, meu pobre corpo rola no fundo da baía de Sainte -Croix. Eu me afoguei esta noite e venho lhe pagar, Sr. Fraser”. Ele explicou: “Eu deixei num baú, na *Pointe Lévis*, alguns pertences fáceis de vender”. E, de fato, no cais de Lévis, Fraser encontrou um baú cheio de peles. Após ter vendido sua empresa, Fraser tinha-se retirado à Beaumont. Uma noite, ele reuniu sua família, seus empregados e lhes anunciou sua morte próxima: “Deus permitiu que eu fosse avisado: no pôr do sol eu devo morrer. Martial Dubé apareceu para mim sobre a rocha do vale; ele me disse que tudo estava acabado, e eu só tive tempo para me preparar”. E Faucher de Saint-Maurice concluiu: “Desde então, cada vez que um Fraser vai morrer, o fantasma da rocha lhe aparece”.

Outros fantasmas são mais agressivos. Uma das mais célebres narrativas de Philippe Aubert de Gaspé apresenta o fantasma de Marie-Josephte Corriveau, a Corriveau, enforcada pelo assassinato de seu marido e cujo cadáver fora exposto numa gaiola de aço. O narrador, José, conta como seu “finado pai”, François, tendo passado uma noite diante da gaiola da Corriveau sentiu de repente “duas grandes mãos secas, como garras de urso, que lhe agarravam pelos ombros”. Era a Corriveau, que se pendurava nele e lhe suplicava para “levá-la a dançar” com seus amigos, os feiticeiros da ilha de Orleans. François recusou e Corriveau o estrangulou ou pelo menos “ele não valia muito mais, o pobre homem, pois perdeu completamente os sentidos”. Ele acordou-se no dia seguinte “deitado ao comprido em uma vala”.

senhor Poitevin, o Senhor de Gallery, teria sido condenado, com os seus companheiros, a caçar do cair da noite ao nascer do dia, até o fim dos séculos.

Na paróquia de Écorres, o cadáver de um enforcado fora colocado numa gaiola de ferro suspensa em um poste no caminho do Rei. Um certo Valiquet “tinha batizado” e acabava de “fazer seus convites” para uma “refeição (jantar)”. Passando perto da gaiola do enforcado, ele deu uma grande chicotada que fez vibrar as grades e gritou: “Eu te convido para vir jantar na minha casa esta noite!” À noite, os convidados estavam à mesa quando, de repente, alguém bateu à porta. O enforcado entrou com sua gaiola embaixo do braço esquerdo e só concordou em ir embora com a condição de que Valiquet fosse dançar ao pé de seu poste no dia seguinte. Valiquet foi obrigado a ir ao local, mas levando em seus braços o bebê que acabara de ser batizado. O enforcado o criticou por ter vindo “carregado com um fardo” que o impedia de dançar “uma bela roda”, cujo “compasso se marca a chicotadas”, e o deixou ir embora, tendo ao menos “aprendido a respeitar os mortos”.

No país das lendas: o Diabo

Mas eis que aparece o Diabo. Ele está em toda a parte e irá até mesmo prestar serviço para obter uma alma. Sob a forma de um cavalo, por exemplo, ele colaborou com a construção de várias igrejas, carregando pedras. O preço de seu trabalho? A alma da primeira pessoa que entrar na igreja após a construção desta. Um belo dia, no canteiro de obras da igreja do Sault-au-Récollet, um grande e bonito cavalo branco chegou não se sabe de onde. Chamado a vir em socorro, o padre reconheceu imediatamente aquele que se escondia sob a forma de um cavalo de carga. Ele correu à sacristia e voltou com uma estola, com a qual envolveu rapidamente o focinho do animal. “Façam-no trabalhar sem parar e sobretudo não tirem sua rédea!” Todo o dia, o cavalo puxou e puxou pesadas carroças carregadas de pedras. Perto do fim da tarde, ele não era mais do que a sombra de si mesmo: muito magro, grisalho, titubeante, ele gemia como um homem exausto. Já que só restava uma pedra a transportar e diante do estado do cavalo, o carroceiro decidiu dar-lhe de beber e desatar a rédea. O cavalo recobrou imediatamente sua forma, reventou sua atrelagem e, com um relincho que ressonou como uma grande gargalhada, lançou-se nos ares e, em sete grandes saltos, foi se jogar na Rivière-des-Prairies, em um lugar que se chama ainda hoje Les Rapides-du-Diable. O cavalo fora “desencantado” antes de poder

transportar a última pedra e a igreja nunca foi concluída, pois faltava uma pedra; o Diabo não obteve, então, a alma, foi embora e todos ficaram quites.

É também graças a um pacto que homens podiam se deslocar numa canoa que, levantada por Satã, voava pelos ares na forma dessa canoa voadora que assombrava o céu de Poitou e dos países nórdicos. Longe, nas florestas do Norte, em pleno inverno, Baptiste Durand propôs aos lenhadores ir dançar em Lavaltrie, paróquia natal deles. Ele os conduziu a uma clareira onde os esperava uma grande canoa. Para voar à Lavaltrie, bastava prestar juramento ao Diabo, evitar de se embriagar, não blasfemar e remar energicamente. Após terem “prestado juramento ao Diabo”, a canoa elevou-se acima das árvores e partiu nos ares, a toda velocidade, até Lavaltrie. O baile acontecera em Contrecoeur, na outra margem do rio, na casa de Seu Batisette Auger. Eles subiram na canoa e, em algumas remadas, atravessaram o rio Saint-Laurent. Dançaram muito, comeram muito, beberam muito e retornaram antes do amanhecer. Na volta, Durand, muito bêbado para conduzir a canoa, cometeu um erro de manobra e um homem gritou: “Meu Deus!” A canoa virou e os viajantes viram-se na neve perto do acampamento deles. Eles tinham escapado ao Diabo.

O Diabo também fez pacto com o feiticeiro da ilha de Anticosti, Gamache, que andava a toda velocidade sobre as águas do Golfo Saint-Laurent, nos dias de calmaria, graças ao Diabo. Além disso, por ocasião de suas viagens a Rimouski, supunha-se que ele comia do bom e do melhor com o Diabo, em seu quarto de hotel. O Diabo comprava também a galinha preta, nas noites sem lua, nas encruzilhadas, como um camponês que “topa”: pacto sem dia seguinte, mas cujas consequências, a longo prazo, podiam ser desastrosas, pois não é impunemente que se “topa” com Satã.

O Diabo fez também um papel de justiceiro, paradoxal àquele de punidor, quando se trata do Diabo, que deveria ter, ao contrário, se divertido com as faltas cometidas pelos homens e pelas mulheres. Na verdade, o Diabo punia depois de ter feito o papel do Tentador e de ter levado suas vítimas à perdição com suas incitações ao mal. Por exemplo, os padres condenavam a dança e ele incitava suas vítimas a dançar; era proibido dançar durante a Quaresma e ele fazia de tudo para que a dança continuasse depois da meia-noite. Ele é, ao mesmo tempo, instigador e punidor das faltas cometidas.

Em “O homem do Labrador”, de Aubert de Gaspé Filho, um velho mendigo, Rodrigue, “apelidado Braço de Ferro”, que era “aos vinte anos o antro de todos os vícios

reunidos” conta seu encontro com o Diabo. Ele se vangloriava de não ter medo nem de Deus nem do Diabo e foi designado para vigiar o “Posto do Diabo” no Labrador. Por ocasião do desembarque, levado pela cólera, feriu um de seus companheiros e, como ele pensava tê-lo matado, foi se esconder numa cabana na floresta. À noite, um homem com rosto encoberto por um “chapéu imenso” saiu da floresta, “seguido por um enorme cão preto”. Barulhos de garras, macacos na chaminé precederam a chegada do desconhecido, que entrou com seu cão. Rodrigue fez, então, promessa “à boa Santa Ana” de mendigar “o resto de seus dias” se ela o protegesse. O homem dirigiu-se ao fundo da cabana, rasgando uma a uma todas as camas antes de parar no lugar onde se entocava Rodrigue, que teve tempo de balbuciar uma espécie de oração e de expulsar o Diabo, que viera procurá-lo.

O Diabo assombra também os lugares onde se dança, assim como os caminhos que levam a tais lugares. Tocando violino, ele fez com que dançarinos e dançarinas dançassem até se enterrarem lentamente no solo, afundados por seus passos. Sob a forma de cavalo negro, fez foliões montarem em suas costas para ir dançar, mas tentou atraí-los para as águas do Saint-Laurent.

Enfim, sob a aparência de um belo estranho, que era também um “belo dançarino”, ele dançou com uma bela coquete a qual tentou raptar, salva *in extremis* pela intervenção do padre. No romance *A influência de um livro*, de Philippe Aubert de Gaspé Filho, o capítulo intitulado “O estrangeiro. Lenda canadense” representa a primeira “versão” canadense da lenda do Diabo belo dançarino. Na noite da terça-feira de Carnaval, o Diabo chegou de trenó, às onze horas, numa casa onde se dançava. Homem bonito, vestido de preto, usando chapéu e luvas, ele conservou as luvas e o chapéu e, apesar da tempestade de neve que se desencadeava, não deixou desatrelar seu cavalo negro. O estranho convidou a mais bela das belas, leve e coquete, a dançar. Ao dançarem, ele lhe fez a corte e lhe propôs uma troca de colares. Três incidentes levantaram as suspeitas. A avó que rezava, numa salinha, percebeu que o estranho a olhava com olhos de fogo toda vez que ela pronunciava o nome de Maria. Quando o casal passava perto de seu berço, um bebê se punha a chorar. Enfim, a neve havia derretido em volta do cavalo negro. O estranho insistiu para que a dança continuasse após a meia-noite e dançou-se, então, na quarta-feira de Cinzas. O padre veio depois de um pressentimento e dirigiu-se ao Diabo, agora desmascarado: seu chapéu caíra e se via seus cornos; longas garras saíam de suas luvas. Ele queria que todos os convidados lhe pertencessem, pois eles haviam dançado “na Quaresma”. O padre não se deixou abalar e bateu no Diabo com grandes golpes de estola, aspergiu-o com água benta e

depois pronunciou uma fórmula de exorcismo. O Diabo se atirou através de uma parede e fugiu num barulho infernal, deixando atrás de si um fedor que empestou o lugar por muito, muito tempo. Quanto à pobre heroína, uns afirmam que ela tornou-se religiosa para expiar sua falta, enquanto outros juram que ela casou-se com seu noivo, que lhe perdoara com grande magnanimidade aventura de uma noite. Ela deu à luz quatorze filhos! O que fez, segundo contadores, com que ela perdesse a vontade de dançar.

O Diabo não atacava somente os dançarinos. Um grande cão preto estrangulava os lenhadores que, exasperados por seu duro trabalho, "blasfemavam". Na véspera de Natal, um lenhador, incorrigível blasfemador, recusou-se a acompanhar seus companheiros à missa da meia-noite no vilarejo. No decorrer da noite, o Diabo manifestou a própria presença através de barulhos, de garras que saíam da mesa e das cadeiras, de objetos que iam e vinham na cabana. No retorno de seus companheiros, ele lhes contou o que acabara de acontecer e um deles foi imediatamente procurar o padre para que o blasfemador pudesse se confessar. Quando o padre se apresentou, o blasfemador recusou-se a se confessar; somente após encontrar o Diabo em pessoa é que ele se confessou e depois morreu.

No fim de seus dias, os meninos maus deviam esperar receber uma última visita do Diabo, que vinha buscar suas almas. Foi o que quase aconteceu a Joseph-Marie Aubé. Na "Lenda do padre Laurent Caron", Philippe Aubert de Gaspé conta que um Huron disse ao padre de l'Islet que havia assistido à agonia de Aubé no Lac Trois-Saumons. Após uma vida de libertinagem, este último ficara doente na estrada de volta. Um urso assistiu à sua longa agonia e o moribundo pôde contê-lo graças a uma medalha da Santa Virgem que sua mãe lhe dera, suplicando-lhe nunca se separar dela. A medalha o salvara das garras do Diabo, que tinha se transformado em um urso para vir buscar sua alma. Mais tarde, o padre de l'Islet recebeu uma carta de um padre da França, o qual lhe disse que, durante a execução de um rito de exorcismo, o possuído teve três dias de remissão. Quando a crise de possessão recomeçou, o padre perguntou ao Diabo o que se acontecera e Satã confessou que ele tivera de ausentar-se para ir buscar a alma de Joseph-Marie Aubé no Canadá; havia, porém, fracassado!

Os maus Cristãos, que aproveitavam o domingo para "adiantar" os trabalhos do campo ou fazer a colheita de frutas selvagens, corriam o risco de ser punidos pelo Diabo. Um agricultor de Rigaud, que trabalhava na sua plantação de batatas, num domingo de

manhã, encontrou seus legumes transformados em pedra. Em Saint-Lazare de Bellechasse, duas mulheres colhiam frutas num domingo e só foram salvas das garras do Diabo por causa da presença de uma criança, “ser puro para os poderes misteriosos”, que manteve o Diabo a distância.

Enfim, o Diabo apropriava-se dos corpos e de determinados lugares. Ele nem sempre usava o pretexto de uma transgressão para possuir uma vítima. Na região da Beauce, possuiu uma moça, a qual ele atormentou por muito tempo com vômitos, fugas e crises nervosas. No condado de Champlain, um pai de família, irritado com os choros do seu caçula, exclamou que ele estava pronto a dá-lo ao Diabo. Essas palavras evidentemente serviram de pretexto ao Diabo para tomar a criança que, durante toda a sua vida, não pôde usar outras roupas além de uma camisola. Em Islet, uma mulher cuja vida imoral condenou-a ao Diabo, foi também possuída e aterrorizava a paróquia com suas lamentações. As cerimônias de exorcismo praticadas pelo padre Panet livraram-na do Diabo e a paróquia encontrou novamente a paz.

Enfim, o Diabo apoderava-se do espaço. Foi o que aconteceu nas Forjas de Saint-Maurice, onde uma tal de senhorita Poulin deu-lhe suas terras florestadas, as quais, um tal de senhor Bell, contramestre das forjas, permitia que fossem exploradas por seus empregados. O Diabo não demorou a se manifestar nesses lugares que ele considerava, doravante, como seus. O carroceiro desconhecido, que passava sem responder as perguntas, era ele. Era também ele o misterioso mudo que desenhava sinais incompreensíveis. Sempre ele, este homenzinho em pé, parado no cume da chaminé das forjas. Ainda ele, o gato que ficava perto dos fornos ou o urso preto que as balas dos caçadores não podiam tocar. Enfim, era certamente ele, o homem que forjava a própria ferradura com o Grande Martelo.

No país das lendas: os espíritos

Às diabruras inumeráveis, juntam-se as cem trapaças dos fogos-fátuos¹⁷ e dos duendes. Um “homenzinho cinza” assombrava as montanhas chamadas “Sauteux”, entre

¹⁷Em francês do Quebec; Feu-Follet, na França; Feu-de-Saint-Elme, Fogo-de-Santelmo. Em inglês, Will-o'-the-wisp; no sul do Brasil, corresponde à Boitatá.

Anse-à-Jean e Cap-aux-Renards em Gaspésie. Era um guardião de tesouros que surgia numa “bola de fumaça” para afastar os caçadores de tesouros dos cofres enterrados por marinheiros estrangeiros. Tratava-se, na verdade, do fantasma de um membro da equipe, morto e jogado por cima do cofre que continha um tesouro.

“Um homem baixo e gordo” de cabeça invisível assombrou a Île-aux-Grues durante uns trinta anos. Ele ficava sempre no mesmo lugar, “na colina da cidade baixa”. Louis LeBel, apelidado “Carleton”, encontrou o homenzinho sem cabeça voltando de um sarau e “sentiu um aperto no coração (medo) terrível”. Louis Carleton LeBel chegou a escapar do homenzinho, rolando colina abaixo.

Para além do círculo protetor da casa e do fogo, que é seu coração, a noite é povoada por formas hostis e a mais terrível, para aquele que tem que pegar a estrada depois do pôr do sol é, com certeza, o fogo-fátuo. Pequena chama fascinante, ela atrai para os banhados o viajante que imagina ver a claridade de uma lamparina na janela de uma casa. Almas de crianças mortas sem batismo ou última metamorfose daquele que durante sete anos transformou-se em lobisomem, essas chamas podem ser imobilizadas por uma faca cravada numa estaca ou numa árvore: atraído pelo aço, o fogo-fátuo tentava introduzir-se no ângulo formado pela lâmina, e o cabo e ficava prisioneiro desse espaço, o que permitia ao viajante fugir. Joseph-Charles Taché mandou contar, por uma testemunha, uma travessia de noite entre a terra firme e a Île-aux-Patins, onde um “empregado”, Ouellon-le-malheureux, teve um fim trágico. Guiado por “uma lanterna acesa na janela”, da cabana deles na ilha, Ouellon pôs-se a caminho, seguido de longe pelo narrador, que viu brilhar subitamente dois fogos: um a leste e outro a oeste. O o barulho dos cascos do cavalo de Ouellon era ouvido do lado oeste. Ele avistou diante de si uma “forte luz”; virando-se, pôde ver a fraca claridade da lanterna a leste. Ele tinha chegado perto de Mare-aux-bars, “grande fosso muito profundo”, e a “luz extraordinária”, um fogo-fátuo, desapareceu. O cavalo de Ouellon desapareceu no charco. Ouellon se afogara.

Quanto aos duendes, eles gostavam de montar os cavalos. Iam aos currais, trançavam as crinas dos cavalos para fazer rédeas e se entregavam às loucas cavalgadas noturnas. Traziam suas montarias cobertas de suor na aurora, a crina e a cola trançadas, mas alimentadas por uma boa quantidade de aveia, emprestada a um vizinho. Os proprietários de cavalos podiam livrar-se dos duendes, colocando um balde de cinzas em cima da porta do curral. Assim que um duende empurrava a porta, o balde virava seu

conteúdo, e como esses pequenos seres não queriam deixar rastros da passagem deles, passavam o resto da noite a juntar as cinzas e só partiam ao nascer do sol, jurando nunca mais voltar.

No imaginário que exploramos, o lobisomem não pertence totalmente ao universo supranatural das fadas, dos duendes e dos fogos-fátuos: trata-se de um homem condenado a se transformar em lobo por não ter recebido a comunhão na Páscoa por sete anos seguidos. O lobisomem percorre as estradas e ataca os passantes solitários. Ele pode ser dominado com uma fincada de faca, que faz correr uma gota de seu sangue e o traz, assim, ao seu estado primeiro: um homem nu, ferido, agradece, então, àquele que o libertou e lhe suplica para que não revele a ninguém o que lhe acontecera.

No país das lendas: uma história diferente

Fora desse universo narrativo sobrenatural, o imaginário lendário conserva também a lembrança das grandes proezas de homens fortes, como o gigante Modeste Mailhot, que removeu uma enorme pedra para permitir a construção de uma estrada em Lotbinière. Um lugar particular é reservado a Jos Montferrand, cujas proezas de brigão foram inumeráveis. Com uma mão, ele levantou seu arado para indicar a direção de sua casa e lutou com um bando de *Orangistes*¹⁸ sobre a ponte Chaudières, que cruza o rio Outaouais, entre Hull e Ottawa; mais tarde, com um chute, ele deixou a marca de sua bota no teto de um hotel em Hull. Por sua vez, Alexis Tremblay, vulgo Trotador, corria mais rápido do que os cavalos mais rápidos. Correndo de Point-au-Pic à baía de Mille Vaches, ele chegou antes de seu pai, que fizera a viagem de barco.

Poder dos padres, como o do padre Labrosse, que predisse a hora de sua morte e cujo fim foi milagrosamente anunciado pelos sinos de todas as igrejas em que havia exercido seu ministério. Poder do padre Ambroise Rouillard que, após sua morte, devolveu milagrosamente ao seu dono um copo de prata que o senhor Rioux, de Trois-

¹⁸ *Orange Order*, também conhecido com o nome de *Ordre orangiste* ou *Institution d'Orange*, é uma organização fraterna, protestante, do norte da Irlanda, organizada em lojas e fundada em 1795, em Loughgall.

Pistoles, havia lhe emprestado. Poder de simples padres, que apagavam os incêndios com um crucifixo.

Enfim, as lendas trazem a lembrança de Toussaint Cartier, o eremita da ilha Saint-Barnabé, em frente a Rimouski, e aquela do agrimensor Fournier, que se afogou no rio Matapédia e cujo cadáver não pôde ser removido, como se a montanha quisesse guardá-lo. A lenda traz também a lembrança de Madeleine de Repentigny, que se tornou freira Ursulina¹⁹ depois da morte de um Iroquois pelo qual era apaixonada e que deixou uma quantia de dinheiro para a manutenção de uma lamparina, que queima ainda hoje diante da estátua de Notre-Dame-du-Grand-Pouvoir (Nossa Senhora do Grande Poder). Segundo a lenda, Blanche de Beaumont jogou-se na água para escapar dos piratas cujo navio fora transformado em pedra, bem perto do rochedo Percé.

E nós poderíamos percorrer ainda muito tempo o país das lendas. E nós poderíamos voltar ao país dos contos. E nós poderíamos escutar as antigas canções de Natal e os velhos cânticos e canções e as cantilenas e o Príncipe Eugène e os Estudantes de Pontoise e a Corça Branca e o Casamento inglês e a Pastora muda... Todos esses cantos que moldaram o imaginário. Mas o país da tradição se prolonga para muito além do horizonte. A noite cai. É preciso parar por aqui. E me despedir.

Eu saúdo a todos vocês, Pequena Raposa e Grande Urso, Lobo e Cabritos, jovem herói que conseguiu matar o Bicho de Sete Cabeças e encontrou uma esposa, Jean de l'Ours, Beau Prince e Bonnet Rouge, Pequeno Polegar e seus irmãos e até mesmo o Ogro, eu o saúdo, pois sem ele não haveria conto.

Eu saúdo Tit-Jean, que partiu à procura de sua esposa desaparecida, Jean de Calais e o morto agradecido, Cinderela, Peau d'Âne e La Grande Margaude, sem esquecer o Gato de Botas, e vocês também, filhos que partiram à procura de um remédio para o pai de vocês e à pobre moça de mãos cortadas e Bénédicité e Grisélidis. Saudações!

Saudações a você, Grand Voleur de Paris, Grande Ladrão de Paris, Jacques Pataud e Compère Lapin, Compadre Coelho, e principalmente a ti, marido que não foi buscar a água da Fontaine de Paris, Fonte de Paris. Saúdo a Pois-Verts e a seu padre e ao herói, apesar dele, malgré lui, Martineau-Pain-Sec.

¹⁹ Freira da Ordem de Santo Agostinho.

Uma última vez, eu saúdo as belas Damas de Branco, as boas Almas do Purgatório e “Almas Penadas”, aos pobres espíritos suplicantes, a Pierre Soulard e a Josephine Lalande, ao padre Nicolas Viel e a Ahuntsic, a Augustin Fraser e Martial Dubé, a Marie-Josephte Corriveau e a Valiquet.

E também, por que não, eu saúdo o velho Diabo construtor de igrejas, condutor da Canoa Voadora, amigo dos feiticeiros e comprador de galinhas pretas, tocador de violino e belo dançarino, imobilizado pela medalha de Joseph-Marie Aubé, possuidor de corpos e das Ferrarias de Saint-Maurice. Saudações, velho Diabo, sempre vencido nas nossas narrativas!

E saudações a vocês também, fogos-fátuos e duendes, homenzinho cinza e lobisomens.

Saudações, enfim, a Modeste Mailhot, ao grande Jos Montferrand e a Alexis Tremblay, vulgo Totador, ao padre Jean-Baptiste de Labrosse e ao padre Ambroise Rouillard, a Toussaint Cartier e ao agrimensor Fournier, a Marguerite de Laroque de Roberval, a Marie-Jeanne Madeleine Le Gardeur de Repentigny e a Blanche de Beaumont. E, enfim, saudações a ti, Anão Vermelho de Détroit, cuja sombra passa pela coletânea de Marie Caroline Watson Hamlin, *Legends of le Détroit*.

Quando se calam os contadores e as contadoras, você(s) mergulha(m) no silêncio. Terminadas as batalhas, já não há perseguições loucas, milagres, vitórias. O riso se apaga. Mais nada.

Mas eis que nas fitas cassete e na película cinematográfica e na superfície dos antigos manuscritos, enfiados nos arquivos, pode-se escutar barulhos, vozes. Alcée Fortier, Marius Barbeau, Édouard-Zotique Massicotte, Joseph-Médard Carrière, Luc Lacourcière, Félix-Antoine Savard, o padre Germain Lemineux, o padre Anselme Chiasson, Carmen Roy, Catherine Jolicoeur, Conrad Laforte, Roger Matton, Pierre Perrault, Jean-Claude Dupont tiveram, na época deles, ouvidos atentos. Nem foi tudo perdido porque eles anotaram, registraram, transcreveram o patrimônio vivo dos que carregam a tradição. Basta que uma voz reveze as anteriores para que o imaginário desperte e que as obras da tradição oral revivam. Como quando Marcel Bénéteau canta “Adieu, donc, la ville d’Orléans”. Um caderno que pertenceu à Sra. Ernest Dupuis conservara o texto dessa canção, e a Sra. Stella Meloche, magnífica guardiã da memória

do canto, conhecia sua melodia. A canção é atual como no momento em “que três jovens militares/ Estando uma noite no cabaré,/ E falando de suas amantes” compuseram a canção. E a tradição vive. E ela viverá.

[Aprovado: 20 mar. 14]